



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8268 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

ESSA MENINA-MULHER DA PELE PRETA UM DIÁLOGO ENTRE PESQUISAS NA EDUCAÇÃO POPULAR

Joana Paula dos Santos Gomes de Oliveira - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Aline Praça Bernar - UFF - Universidade Federal Fluminense

ESSA MENINA-MULHER DA PELE PRETA

UM DIÁLOGO ENTRE PESQUISAS NA EDUCAÇÃO POPULAR

Na pesquisa com mulheres adultas em fase de alfabetização ainda no mestrado ia, vez ou outra, tentando dar conta das perguntas que se multiplicavam e, na maior parte das vezes, se perdiam em mim. Entretanto, ao ouvir as narrativas dessas mulheres uma pergunta em particular ecoava, sem, no entanto, ter lugar e espaço, naquele momento, para ser respondida: Quem foram essas meninas impedidas de escolarização?

Com o *porte desse Outro em mim*, inspirada por Derrida (2008), a motivação investigativa anterior se transformou e avançou rumo a uma investigação outra, no âmbito do doutorado. O trabalho de tese alinhou-se no contexto narrativo de experiências do passado; principalmente de uma infância sem escolarização. O trabalho com a narrativa de memória focada na educação das classes populares foi se unindo ao pensamento sobre a mulher historicamente subalternizada, silenciada e impedida de estudar na infância. Essa mulher sem escolarização, negra e pobre ocupa tem o protagonismo nessa pesquisa.

É no cenário dessas lutas de classe e de gênero que essa pesquisa *encontra* com outra pesquisa que apresenta as mesmas preocupações; que não traz como protagonista de sua investigação a mulher adulta, mas sim a menina negra das classes populares. Com sua voz infantil, essa menina denuncia suas questões no cotidiano escolar e chama a atenção dos adultos ao apontar a negação da sua cor e raça como questão. A *professora-pesquisadora*, conforme Esteban & Zaccur (2002), na pesquisa com meninas negras, parte desse cotidiano escolar para a pesquisa de mestrado, tencionando as falas dessa parcela das classes populares interdita historicamente por ser mulher, por ser negra e por ser pobre. Parcela esta delegada ao silenciamento, à opressão, à violência e ao abandono sócio-político desde cedo. (DAVIS, 2016).

Assim, o que antes vinha sendo dito separadamente em cada uma das pesquisas, tenta aqui unir esforço para ouvir, perceber e entender melhor os sinais que se perdem no caminho de uma fala, de uma história reticente, daquilo que não é dito ou daquilo que foram

impedidas de dizer.

O *encontro* como aporte metodológico, como sugere Passos (2014), se fez presente entre as duas pesquisas e o *diálogo*, conforme Freire (2011), trouxe a base teórico-metodológica que precisávamos fortalecer os encontros com essas mulheres e meninas de pele preta. Acreditávamos que a tessitura desses *encontros* entre diferentes histórias e vivências talvez pudesse trazer à tona pistas sobre as infâncias que ocupam historicamente os espaços escolar destinado às negras das classes populares. Assim, uma pesquisa traz as mulheres e vai ao encontro das meninas; a outra pesquisa traz as meninas e anuncia as mulheres que um dia serão.

Metodologicamente falando, acreditamos, tal qual Passos (2014) anuncia ao citar Fanon (2008), que “falar é existir para o outro” e, dessa forma, esse falar necessita que possamos não apenas *encontrar* o outro, mas fazer acontecer uma escuta atenta e sensível numa perspectiva dialógica como aprendemos em Freire (2011) e Bakhtin (2003) para que possamos juntos entender os lugares de invisibilidades e silenciamentos não apenas como lugares delegados pelos dominadores aos dominados mas também como *táticas*, conforme Certeau (2012), utilizadas por estes no sentido de escapar a essa dominação.

O *encontro* como possibilidade teórico-epistemológica refere-se, principalmente, ao *encontro* que ora propiciamos entre essas meninas e essas mulheres que um dia foram meninas e que se identificam em suas histórias e trajetórias de vida. Um encontro possível pela reunião das pesquisas presentes nesse trabalho que damos conta com esse resumo.

A discussão da primeira pesquisa segue o sonho como direito à escolarização. Os corpos dessas mulheres envelheceram, suas vidas mudaram; não obstante, o desejo pela escolarização, provavelmente, manteve a infância e a menina viva em cada uma delas. Pensamos que o termo “sonho” no sentido de revelar algo que faz mover, que propõe uma certa inclinação, que promove um caminhar em direção à, que pode provocar a reflexão de que esse “sonho infantil - do direito à escolarização - se não foi esquecido, é porque revela o impulso necessário para o *re-encontro* com a infância sem escolarização denunciada na voz dessas mulheres.

A discussão da segunda pesquisa vai no caminho ditado pelas vozes de meninas que expressam suas queixas em seio escolar, mas que ao levantarem suas questões, anunciam e denunciam as lógicas excludentes, o racismo o lugar da menina-mulher negra, e os preconceitos normalizados. Elas nos impelem a pensar o espaço escolar como um lugar privilegiado para construção de identidades; mas, ao mesmo tempo, um cenário recheado de lógicas racistas.

Com Gomes (1996) vimos que o espaço escolar ocupa um lugar privilegiado na vida de grande parcela da população brasileira, capaz de marcar na lembrança experiências vividas naqueles que conseguem ter acesso ao mesmo. Contudo, o *encontro* dessas experiências e vozes trazidas por nossas pesquisas vem mostrar que essas marcas também aparecem bem fincadas naqueles que não tiveram acesso à escolarização, que foram impedidas e negadas em seus direitos de aprender e emancipar-se, como cola uma dessas mulheres:

“Eu chegava a chorar quando via alguém lendo!”

Passamos a imaginar, pela voz dessa mulher, uma menina que cresceu sem escolarização e diz chorar ao perceber que alguém consegue decifrar escritos que para ela

são códigos desconhecidos. Da mesma forma, pensamos na menina que ao decidir pintar seu autorretrato em uma tela, vasculha os potinhos de tinta guache percebendo:

“não tem a cor da minha pele aqui!”

A solução encontrada junto com professora foi começar a misturar as cores e a observar qual seria a tonalidade mais próxima da cor de sua pele. Quando finalmente a menina encontra o tom que queria, continua a pintar.

Ao reunir nossos olhares e escutas para juntas traçar um caminho mais sensível e respeitoso em relação àquilo que essas meninas-mulheres nos diziam, percebemos que existem instâncias e lugares que não é mesmo possível percorrermos sozinhas. É preciso estar junto *com* o outro, é preciso unir forças, olhares, escutas, pesquisas e práticas.

As respostas que buscamos, se existem, não estão em uma ou em outra pesquisa, mas em todas nós e em todos os lugares, representadas aqui pelo ser mulher, ser negra, ser silenciada, ser impedida, não poder ser escolarizada na infância, etc.

Inevitavelmente nos encontramos em uma ou mais dessas questões que nos pertencem historicamente. Urge que nos encharquemos de nós mesmas, que nos encontremos em e com nossas questões, que possamos unir nossas vozes para que talvez nos escutem ainda na infância. Que nossas meninas negras e pobres não precisem chegar à vida adulta para não terem outra alternativa a não ser reprimir os sentimentos ou fazerem-se demasiadamente fortes para atuarem em sociedade como guerreiras, quando apenas querem ser o que são: mulher negra.

Palavras-chave: Diálogo. Educação popular. Identidade negra

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer**. 18ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Carneiros**. Coimbra: Palimage, 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (Orgs.) **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Raça e Gênero: Relações Imersas na Alteridade. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, Brasil, nº 6/7, pp. 67-82, 1996.

PASSOS, Mailsa. Encontros Cotidianos e a Pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. In: **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, nº 51, p. 227-242, jan./mar. 2014.